

18/10/2018 - 05:00

A guerra civil nos Estados Unidos

Por **Jeffrey Sachs**

Os Estados Unidos continuam em estado de guerra civil. Não apenas "uma" guerra civil, e sim "a" guerra civil. Em sua primeira etapa, nos idos da década de 1860, os Estados Confederados [ou Confederação, os Estados sulistas na Guerra de Secessão, ou Guerra Civil dos EUA] perderam. Mas atualmente os Estados Confederados estão temporariamente por cima. Os EUA continuam sendo um país dividido por duas culturas.



Desde o início, os EUA são um campo de batalha de duas visões concorrentes. Na fundação dos EUA acreditava-se que "todos os homens são criados iguais". Mas a realidade da fundação era a de que os brancos do sexo masculino eram muito mais iguais do que quaisquer outras pessoas. Os homens brancos possuíam escravos, negavam o voto às mulheres e tomavam as terras e as vidas dos americanos nativos.

Durante a Guerra Civil de 1861 a 1865, a Confederação escravocrata, formada por 13 Estados separatistas, foi derrotada por 19 Estados do Norte e ocupada, em seguida, pelo governo federal por doze anos. Mas, após o fim da "Reconstrução", em 1877, o Sul praticou vigorosamente o racismo sistêmico por quase um século, até o Congresso dos EUA sancionar, em 1964, a Lei Federal dos Direitos Cívicos e, em 1965, a Lei Federal dos Direitos de Voto. A partir daquele momento, os eleitores brancos do Sul desertaram do Partido Democrata em massa.

Os republicanos abraçaram a estratégia do Sul, baseada na resistência à ascensão dos afro-americanos e de outros grupos minoritários e na oposição a legislações que transferissem a eles quaisquer recursos, status ou poder.

Os republicanos, assim, se tornaram o partido do Sul, e os democratas, o partido do Nordeste e do Oeste do Pacífico, com os Estados do Meio-Oeste e os Estados montanhosos do Oeste se tornando as regiões-pêndulo. A região industrial dos Grandes Lagos pendeu para o lado dos democratas, enquanto os Estados agrícolas do Meio-Oeste e os Estados montanhosos se inclinaram em favor dos republicanos. Os Estados do Meio-Oeste e os montanhosos também herdaram a cultura pioneira dos colonizadores brancos de supressão dos americanos nativos e imigrantes asiáticos e hispânicos.

A propriedade de armas se constitui em outra linha divisória entre democratas e republicanos. A cultura da arma de fogo do Partido Republicano reflete as mesmas forças culturais que moldam suas opiniões antiminorias. Em um livro brilhante, "Loaded", a historiadora Roxanne Dunbar-Ortiz nos lembra que as "milícias organizadas" mencionadas na Segunda Emenda da Constituição dos EUA, que entroniza o direito de portar armas, eram grupos de homens brancos que atacavam de surpresa vilarejos de americanos nativos à caça de escravos fugidos.

Como argumentam Avidit Acharya, Matthew Blackwell e Maya Sen em seu livro "Deep Roots: How Slavery Still Shapes Southern Politics", é a herança da escravidão e da segregação pós-Guerra Civil que deu origem à atual cultura política do Sul. "É no âmbito das antigas áreas de alta escravidão que os brancos são os mais tendentes a se opor ao Partido Democrata, a se opor à ação afirmativa e a manifestar sentimentos que poderiam ser interpretados como ódio racial".

A queda do predomínio dos brancos não hispânicos na população total talvez tenha ampliado a divisão cultural dos EUA nos últimos 20 anos. Com a previsão de que eles deverão se tornar uma minoria em 2045, a guerra civil em curso pode se agravar

Tanto antes quanto depois da Guerra Civil, os brancos pobres do Sul aceitaram sua condição humilde porque apreciavam sua superioridade sobre os afro-americanos, ainda mais desesperados. A política racial, portanto, barrou o surgimento da política de classe, que teria reunido os brancos pobres e os negros pobres na exigência por mais serviços públicos custeados pela elevação dos impostos cobrados à elite branca.

Dos 26 senadores que representam hoje os 13 antigos Estados Confederados, 21 são republicanos e 5, democratas. Dos 38 senadores que hoje representam os 19 Estados do Norte de 1861, 27 são democratas e 9, republicanos (2 são independentes, Bernie Sanders e Angus King, e se reúnem com os democratas no Congresso para tomar decisões).

O presidente Trump é uma anomalia geográfica, um racista pró-Sul originário da liberal cidade de Nova York. Trump é rejeitado por seu Estado natal (59% de desaprovação, em dados de setembro de 2018). Ele é mais Mississippi do que Manhattan.

A divisão cultural foi exibida em sua plenitude nos trâmites do Senado que confirmaram o juiz Brett Kavanaugh à Suprema Corte dos EUA. Os defensores de Kavanaugh no Senado eram homens brancos do Sul e do Meio-Oeste que evitaram questionar a prerrogativa masculina branca de Kavanaugh de beber e farrear como jovem rapaz, ao, em vez disso, atacar as acusadoras do indicado.

Lindsey Graham, da Carolina do Sul, o primeiro Estado escravista a se separar, em 1860, foi o mais agressivo defensor de Kavanaugh, ao descrever as denúncias de investida sexual feitas contra ele como "o embuste mais antiético desde que estou na política".

Democratas e republicanos são partidos não apenas de culturas e de regiões diferentes como também de economias diferentes. Os Estados do Nordeste e do Pacífico lideram os EUA em alta tecnologia, inovação, ensino superior, empregos bem-pagos e renda per capita. O Sul vem bem atrás. Os homens brancos da classe trabalhadora do Sul e do Meio-Oeste não estão apenas defendendo seu status e seus privilégios raciais; estão também lutando por seu trabalho em setores em que a automação e o comércio exterior corroeram sistematicamente o nível de emprego.

Os brancos sulistas da classe trabalhadora teriam muito a ganhar se abandonassem a política dos republicanos baseada na raça em favor da política baseada em classe. Afinal, são as elites corporativas brancas, e não os afro-americanos, hispânicos e outras minorias pobres, que privam os brancos da classe trabalhadora de escolas públicas de qualidade, de assistência médica financeiramente acessível e de segurança ambiental.

Os senadores brancos, do sexo masculino, do Sul, exageraram a importância da guerra cultural em parte para defender os megarricos doadores dos republicanos, que se regalam com os cortes de impostos da pessoa jurídica e a desregulamentação ambiental enquanto o partido faz os afro-americanos e os hispânicos de bodes expiatórios.

A queda do predomínio dos brancos não hispânicos na população total talvez tenha ampliado a divisão cultural dos EUA durante os últimos 20 anos. E, com a previsão de que os brancos não hispânicos deverão se tornar uma minoria do total da população em 2045, aproximadamente, a guerra civil em curso nos EUA pode se agravar. Não terminará enquanto os americanos da classe trabalhadora de todas as regiões, raças e etnias não unirem forças para exigir elevação dos impostos e maior responsabilização da elite corporativa rica. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Jeffrey D. Sachs é professor de Desenvolvimento Sustentável, de Política e Gestão de Saúde e diretor do Instituto da Terra da Universidade de Columbia. Copyright: Project Syndicate, 2018.

www.project-syndicate.org